

T3 – Norbert Elias – O Processo Civilizador

Leonardo Yang

Com contribuições dos grupos e do professor

Introdução

Na passagem da Idade Média para a Moderna, com o expansionismo mercantilista e mudanças de condutas a partir da corte, é possível pensar, tal como propõe Norbert Elias, na aceleração de um processo que pode ser traduzido por "civilizador". De fato, tal processo expressa inúmeras modificações comportamentais.

O livro "Da civilidade em crianças", de Erasmo de Rotterdam, é chave na interpretação de Norbert Elias, correspondendo a uma clara orientação para responder a novas necessidades sociais da época. A palavra *civilité*, logo difundida em outras línguas, é central para caracterizar estas novas orientações para a conduta social.

Do livro

O livro de Erasmo trata de um assunto muito simples: o comportamento de pessoas em sociedade. Em particular, aborda o "decoro corporal externo".

Como olhar, como se vestir, como se comportar, como se sentar e como cumprimentar são algumas condutas mencionadas e balizadas por Erasmo de Rotterdam. Nas regras de higiene, por exemplo, é mencionado que "não deve haver meleca nas narinas". Ocorre uma normatização do comportamento, em especial como se portar à mesa, sem a rudeza e inaptidão de um camponês. Há uma ressalva, entretanto: "Os tolos que valorizam mais a civilidade do que a saúde reprimem sons naturais." Convém observar que estas mudanças nas condutas são impulsionadas por desejos de distinção social, a fim de evidenciar a superioridade das classes altas, cuja postura estaria de acordo com normas sofisticadas de etiqueta que as diferenciam de outras camadas sociais. O processo civilizador, dessa forma, acontece de cima para baixo, dos nobres para burgueses e, enfim, para o conjunto da sociedade. Na medida em que o comportamento da nobreza é copiado por outros membros da sociedade, as classes altas reinventam novas "boas maneiras", procurando sempre evidenciar sua superioridade.

Com tal processo civilizador, o que antes precisava ser explicitado nos manuais de etiqueta, como "não deve haver melecas nas narinas", mencionado acima, hoje é básico da higiene pessoal, tornando uma regra conhecida de todos, independentemente da posição social. Tais normas de comportamento tendem a se tornar cada vez mais naturais aos olhos de todos os membros da sociedade. Assim, a linha que separa as classes se torna, em muitos aspectos, cada vez mais tênue.

Elias menciona o estranhamento provocado em nós de condutas que um dia foram socialmente aceitas: "é bem que caberia pensar que muitos dos movimentos estranhos de caminhantes e dançarinos que vemos em pinturas ou estátuas medievais não representam apenas o "jeito" do pintor ou escultor, mas preservam também gestos e movimentos reais que se tornaram estranhos para nós, materializações de uma estrutura mental e emocional diferente."

Portanto, esta mudança comportamental no Ocidente causa-nos desconforto ao falarmos ou pensarmos nas atitudes criticadas por Erasmo, que eram corriqueiras em seu tempo, consideradas hoje bárbaras ou incivilizadas. A compreensão do processo civilizador, do qual fazemos parte desde o nascimento, passa necessariamente pelo aumento da sensação de embaraço. De outro modo, convém relativizar o conceito de civilização, cujas características são distintas em diferentes espaços e tempos.

Mudanças na agressividade

A estrutura emocional do homem, compreendida como um todo praticamente inseparável, é um reflexo do convívio social. A fúria demonstrada nos campos de batalha na época medieval é substituída por refinamento e sutileza nos tempos modernos. Há muito mais autocontrole individual nos dias de hoje em comparação com a desinibição de épocas passadas. O gosto pela guerra e suas consequências, parte da vida medieval, era aceito socialmente de forma explícita. Mesmo na literatura, a violência e a agressividade eram vangloriadas, expressando "muito mais diretamente os sentimentos dos ouvintes a quem se dirigem do que a maior parte de nossa literatura (moderna)."

Face a um futuro incerto, a sociedade medieval vivia sob extremos. Momentos de alegria transformavam-se repentinamente em ódio e vice-versa. Frequentemente, *vendettas* e rixas familiares, destiladoras de paixões irrestritas, terminavam em mortes, sem a existência de um poder coercitivo.

O guerreiro medieval, norteadado pela religião, vivia da guerra, sem demonstrar receio da morte. Com esta função guerreira, esquece da morte, vivendo tão somente para a guerra. Nota-se, portanto, que o cristianismo da classe de cavaleiros se ajusta a suas funções e necessidades sociais.

No entanto, tal belicosidade não se restringia aos cavaleiros, permeando também os burgueses, como no caso da conturbada vida de Mathieu d'Escouchy, homem de letras e, portanto, estereotipicamente calmo, inúmeras vezes preso, acusado de inúmeras violências e agressões.

Pinta-se, ainda hoje, a Idade Média com monges e freiras enclausurados. Porém, em geral, os homens medievais, como os escritores e artistas, levavam vidas mundanas, plenas de vingança e sangue, sofrendo quase ou nenhuma crítica social. A classe alta secular, em oposição à classe alta eclesiástica, "ama os prazeres desta vida", não confiando no futuro, nem pensando na vida após a morte, pois: "Se a morte temes, em sofrimento viverás."

Esses extremos, esses estados de ânimo, paixões e medos irrestritos mostram uma sociedade na qual os instintos e as emoções, antes de serem civilizados, eram liberados de forma mais livre e direta. Para nossa vida moderna controlada e calculada, as intensas religiosidade e belicosidade medievais parecem contraditórias.

Percebe-se que a estrutura de cada sociedade exige comportamentos socialmente aceitos. A descentralização medieval abria espaço para um estado de agressividade permanente, uma vez que não existia um Estado regulador forte. Com o Estado nacional centralizado, a violência autorizada se restringe a determinados órgãos com poder de exercê-la legitimamente, como é o caso da polícia.

Mesmo com certas liberdades no convívio social moderno, não alcançamos, de forma alguma, a intensidade e o imediatismo presentes nas exteriorizações das paixões medievais. O boxe moderno

constitui um exemplo de combate, cuja agressividade, regulada por normas para proteger os pugilistas, não se compara às lutas medievais violentíssimas, sem normas.

Por fim, Elias mostra como ocorre a mudança das estruturas socioculturais e de personalidade: "manifestações socialmente indesejáveis de instintos e prazer são ameaçadas e punidas com medidas que geram e reforçam desagrado e ansiedade. Na repetição constante do desagrado despertado pelas ameaças, e na habituação a esse ritmo, o desagrado dominante é compulsoriamente associado até mesmo a comportamentos que, na sua origem possam ser agradáveis. Dessa maneira, o desagrado e a ansiedade socialmente despertados – hoje representados, embora nem sempre nem exclusivamente, pelos pais – lutam com desejos ocultos." Houve portanto um avanço nas fronteiras da vergonha, no patamar da repugnância e nos padrões das emoções. Na perspectiva historicista de Elias, trata-se de um movimento de controle cada vez maior dos instintos, o processo civilizador. Um processo onde as estruturas emocionais incorporam normas de autocontrole cada vez maiores que se modificam de acordo com as transformações sociais. Trata-se de um processo no qual se intensifica a sensação de afastamento da naturalidade, com infindáveis controles dos impulsos.